

VOCÊ SABE COM QUEM ESTA FALANDO? Um estudo sobre a violência escolar.

RODRIGUES, Kayra.¹

RESUMO: Através de estudos bibliográficos, este texto objetiva apresentar elementos significativos presentes nas pesquisas sobre crianças agressivas. Fatores apresentados por alunos e professores e seu cotidiano em sala de aula, o descontentamento do aluno sobre o professor e a desmotivação de professores em ensinar. Notamos que a agressividade deste aluno torna-se um meio de manifestar sua revolta em relação à falta de comunicação.

PALAVRAS- CHAVE: Criança agressiva. Educação básica. Professor. Psicologia da educação. Violência.

ABSTRACT: Through studies, this text aims to present significant elements present in research on aggressive children. Factors presented by students and teachers in their daily classroom, student discontent over the teacher and the motivation of teachers to teach. We note that the aggressiveness of this student becomes a means to express their anger over the lack of communication.

KEY-WORDS: Aggressive child - Basic Education - Teacher - Educational Psychology - violence.

INTRODUÇÃO

A violência dentro das escolas tem paralisado o desenvolvimento da nossa sociedade, por isso refletir sobre o assunto é de suma importância para os críticos da educação.

Neste artigo vamos entender por “violência escolar” os desafios e desmotivações que professores vem enfrentando dentro da sala de aula, alunos que não aceitam receber ordens ou serem questionados por trabalhos propostos e não realizados.

O objetivo é apresentar uma revisão escolar, mostrando os “tempos modernos”, onde professores devem “respeito” aos alunos e alunos se julgam os donos do saber.

Através de fichamentos, pesquisas bibliográficas e questionário aplicado a um profissional da educação, este artigo será organizado em dois tópicos, buscando compreender os atritos encontrados em sala e atingir os profissionais da educação do ensino fundamental.

A relação dos alunos com a escola tem afinidade com seu cotidiano e suas experiências na escola, muitas vezes, não estimulam expectativas relacionadas à aprendizagem, a socialização e a novos tipos de convivência, distanciando saberes construídos de saberes em uso. (ABRAMOVAY, 2010, Pag. 226).

¹ Acadêmica em Licenciatura Plena de Pedagogia da Faculdade de Ensino Superior do Interior Paulista – FAIP da Sociedade Cultural e Educacional do Interior Paulista. kayrarodrigues@hotmail.com

Por fim a relevância deste trabalho justifica-se pela contribuição à reflexão em relação à violência dentro da sala de aula, a busca do aluno pela autonomia e não aceitação das ordens aplicadas por seu professor e a agressividade gerada em torno de regras impostas.

1. OS AUTORES DA AGRESSIVIDADE E SEUS EDUCADORES NO SEU COTIDIANO ESCOLAR

Alunos e professores vêm passando por grandes mudanças ao longo dos tempos, foi à época em que o professor era o único a poder falar e ditar regras dentro da sala de aula, nos dias de hoje crianças exigem o direito de expressar suas opiniões, querem ser escutadas, e fazerem valer suas vontades.

O diálogo, o direito de falar e ser ouvido está cada vez mais sendo cobrado pelos alunos notou-se que professores que dão a oportunidade a seus alunos de expressarem suas opiniões passam a ter mais cumplicidade e colaboração nas atividades aplicadas, conseguem manter a ordem e harmonia em suas classes, são admirados por seus alunos.

Crianças passaram a cobrar seus direitos e questionar deveres, percebemos que o aluno quando é contrariado ou tem sua opinião “ignorada” pelo professor torna-se um aluno de difícil convivência, passa a não se interessar pelas atividades propostas e desenvolve uma barreira em relação ao professor, passa então a desrespeita-lo.

A atenção e o diálogo são ressaltados pelos alunos, criando momentos de descontração nas aulas, facilitando a aproximação entre eles. Dialogar, para os alunos significa tratar os assuntos que despertam os interesses deles, conversar, trocar opiniões sobre as principais decisões a serem tomadas nas escolas. (ABRAMOVAY, 2002, p. 39).

Escolas e professores precisam se adaptar a “nova” infância e adolescência a crianças mais modernas e avançadas tecnologicamente, crianças que buscam novidades todos os dias, essas passaram a não estar satisfeitas com o que tem e procuram respostas além daquilo que conhecem crianças com ideias avançadas além de suas idades cronológicas, crianças que passaram a levar de casa para sala de aula suas bagagens de conhecimentos, dúvidas e novidades, querem ser ouvidas e transmitir aquilo que sabem, lutam para colocar suas vontades e conhecimentos em prática.

ABRAMOVAY(2002) relata que a falta de comunicação e o autoritarismo do professor causam revolta nos alunos, independente de idade, muitas vezes as crianças levam de casa uma ideia de atividade ou mesmo questionam uma aplicada pelo professor e não é

ouvida, diversas vezes crianças relatam as mesmas respostas que obtiveram de seus professores “faça apenas o que eu mandei”, “eu sei o que devo passar, não preciso de sua ajuda”, essas são respostas e atitudes que geram revoltas entre os alunos, sentem-se com suas opiniões ignoradas e impedidas de expor suas ideias. Essas são atitudes infelizes do professor, passam a gerar crianças sem vontade de aprender ou desenvolver atividades, essas crianças tendem a ficar isoladas e sem vontade de aprender, entendem que se suas ideias não são ouvidas, para que aprender ou respeitar esse professor.

A falta de comunicação entre professores e alunos causa, nos estudantes, muita revolta, independentemente da idade ou da série em que se encontram. É possível que essa atitude afete a auto-estima dos estudantes, que não aceitam ser ignorados. Há uma forte crítica aos professores cuja preocupação se restringe ao repasse de conteúdo, sem interesse em interagir com a turma. (ABRAMOVAY, 2002, p.39).

Deve - se levar em consideração o importante papel que o professor e as escolas têm para a sociedade, são de dentro dessas escolas e salas de aula que sairão o futuro da nossa nação, crianças com pensamentos frustrados, barradas de expor suas ideias podem se tornar adultos com problemas de desenvolvimento social, adultos com medo de expressar suas ideias ou muitas vezes fechados a opiniões alheias, para estes nada os que lhe é proposto esta de acordo ou supera seus conhecimentos, outros passam a ser subordinados incapazes de crescer pessoalmente ou profissionalmente.

Segundo ABRAMOVAY(2009), um bom professor aberto a diálogos torna-se admirado e exemplo a ser seguido por seus alunos, crianças carregam para a vida toda a atenção e o apoio que teve por seu professor em aprender a superar desafios. Devemos ressaltar que a violência por parte dos alunos não surge do nada, parte de um descontentamento, de uma frustração encontrada muitas vezes no próprio ambiente escolar, agressões verbais, físicas ou ao patrimônio na maioria das vezes vem daquele aluno que se sente acuado, sem espaço para expressar suas emoções e ideias.

As razões pelas quais os alunos gostam da escola podem, também, ter ligações com os professores e com a direção, que aparecem como referencia. Neste sentido, a escola cumpre importante papel na construção de capital social. (ABRAMOVAY, 2009, pag. 85).

ABRAMOVAY(2009) também resalta as metodologias de ensino muitas vezes ultrapassadas por DELORS(1996) , escolas e governos não fornecem ou não acompanharam a evolução tanto didática quanto tecnológica, crianças e adolescentes tem sede do “novo”,

buscam informações e novidades o tempo todo, professores caídos na mesmice da lousa e livros passaram a estar ultrapassados, isso gera um desconforto e impaciência pelos alunos em sala de aula, crianças tem muita energia acumulada, tentar segura-las sentadas com um professor falando de 4 a 5 horas dentro de uma sala torna-se maçante, a qualquer momento podem “explodir” e demonstrar a agressividade, assim, começam a desafiar os professores, não fazem os deveres propostos, ficam indo de carteira em carteira perturbando seus colegas, e a rebeldia contra o professor passa ser constante, agressões verbais e intimidações são os mais notados em relação a violência dentro da sala, conversas intermináveis na hora das explicações é uma outra forma de violência e desrespeito, professores não conseguem explicar as atividades.

É preciso que os alunos mantenham-se ocupados, conteúdos e didáticas devem prender a atenção, leitura de livros devem ser feitas de uma forma prazerosa, métodos que despertem o interesse e a curiosidade deste aluno em aprender a matéria os professores precisam procurar inovações no ensino, dinâmicas que os faça descarregar toda energia que trazem de dentro de si, evitar ao máximo o confronto em bater de frente e questionar quem é ou deixa de ser a autoridade dentro de sala, é preciso dialogo e respeito por ambas às partes.

As crianças e adolescentes nos dias de hoje contam muito com leis a seu favor, como o ECA (Estatuto da Criança e do adolescente), por exemplo, são leis que geram certo conforto para os alunos, passaram á acreditar que tudo podem, que por nada serão punidos, é quando acontecem os atos de violência, agressão verbal ou mesmo fisicamente, porem, mesmo cometendo tais agressões sabem que a lei esta do seu lado. É preciso ter um grande jogo de cintura com a educação nos dias atuais.

Delors et al (1996) afirmam que a qualidade do ensino não se mostrou prioridade na conformação moderna das instituições escolares. É então que aparecem as escolas com superlotação e métodos de ensino ultrapassados, á base de aprendizagem memorizadas. E ainda, professores que não se adaptam a novos métodos, como, por exemplo, a participação ativa dos alunos em sala de aula, a aprendizagem cooperativa e a resolução conjunta de problemas. (ABRAMOVAY, 2009, p. 94).

Professores devem mostrar a importância que os alunos têm dentro da sala de aula e dar-lhes a ideia que nada adianta a violência, pois assim só estarão perdendo seu espaço e direitos, devem também levar em consideração a participação destes alunos durante as aulas, todos querem expressar suas opiniões e serem ouvidos, essa é uma forma de mostrar para o

aluno que ele tem valor, que não é um ser invisível. O professor que abre espaço para escutar as sugestões de seus alunos desperta-lhes o interesse e a vontade em participar das aulas.

2. MÉTODOS E ESTRATÉGIAS APRESENTADAS PARA DIMINUIR A VIOLÊNCIA DENTRO DA SALA DE AULA

Buscando entender as necessidades de ambas as partes, professores e alunos, devemos entender segundo PASSOS (1996) que o ensino e a aprendizagem são uma troca entre o aluno e o professor, a criatividade de como a disciplina é aplicada fortalece o interesse no aluno em aprender e torna-se um momento de construção e cumplicidade entre eles, a dinâmica pedagógica dentro da sala de aula é capaz de quebrar grandes barreiras e revelar diversas afinidades e interesses por parte desses alunos, a rebeldia dentro da sala como já destacamos anteriormente pode estar ligada a acuação e a intimidação dos alunos, devem-se criar estratégias e planos de aula que permitam a participação dos alunos, momentos em que possam expressar suas angustias e dúvidas.

O ponto a ser refletido é sobre qual indisciplina estamos falando e sobre como ela pode adquirir um significado de ousadia, de criatividade, de inconformismo e de resistência. Percebam que não estou negando a necessidade da disciplina, mas quero colocá-la num plano secundário, para fortalecer aquilo que se coloca num plano anterior a ela, que é a aprendizagem e a relação que ela pode gerar como o saber.

Nesse sentido, entendo que o ato pedagógico, enquanto momento de construção de conhecimento, não precisa ser um ato silenciado, que reduz o professor à única condição “sujeito que aprende”. Ao contrário, o ato pedagógico é o momento do emergir das falas, do movimento, da rebeldia, da oposição, da ânsia de descobrir e construir juntos, professores e alunos. (PASSOS, 1996, pag. 118)

A partir de uma conversa com um profissional que exerce função pedagógica na área da educação, no ensino fundamental há 12 anos, obtivemos algumas respostas em torno do assunto discutido. Para esse profissional a violência é o transtorno ocasionado pelo descontentamento em relação as suas expectativas, o aluno muitas vezes já vem de casa com vontade de brigar “desafiar” alguém e medir suas forças, esse profissional explica que a maioria das vezes suas revoltas se manifestam com o não cumprimento de tarefas aplicadas em sala, também é muito frequente o aluno desafiar moralmente o professor, com ofensas verbais ou mesmo ameaças fora da escola.

Esse professor sugere como forma de diminuir as agressões dentro das salas, mais atividades extraescolares, como passeios e atividades manuais, acredita que seria uma forma

de fazer com que esse aluno tenha interesse em frequentar as aulas e participar das atividades, deixar o aluno manifestar suas vontades e ouvir suas críticas também tem sido de grande valia dentro das salas, relata esse profissional.

Perguntamos também o importante papel da direção escolar para a prevenção das agressões, o profissional relata que muitas escolas criam estratégias para que os alunos não vejam a escola como um local de obrigações, um lugar aonde vai porque os pais obrigam, as direções estão cada vez mais interagidas com os alunos, propõem gincanas e competições, estabelecem algumas vezes prêmios para competições, Inter-classes, e constantemente estão inovando métodos de ensino, ajudando assim com que as aulas sejam mais dinâmicas.

Por fim, esse profissional ressalta o contentamento em exercer a profissão escolhida e relata muitos gestos de carinho proporcionados por seus alunos, alega entender que muitas vezes o aluno agressor infelizmente traz de sua própria casa problemas com os pais, e que em tudo o que for de seu alcance o fara para que os alunos estejam sempre empenhados em aprender mais.

GORDO e MANZANO(1997) falam sobre a importância das atividades extraclases, referindo-se principalmente a excursões e pesquisas estabelecidas pelos professores, essas são atividades que despertam o entusiasmo nas crianças e a oportunidade de fazerem um passeio fora da escola com seus colegas, assim recarregam suas energias e voltam para dentro de suas salas com suas mentes renovadas, saem das “cansativas” aulas teóricas e vão conhecer um mundo novo, passeios a museus, parques ecológicos e outros despertam-lhes o interesse em aprender algo mais e buscar informações, trabalhos e pesquisas em grupo também são citadas pelos autores, assim dando a oportunidade dos alunos se encontrarem fora das escolas e desenvolverem seus próprios projetos, seguindo seus próprios instintos. Os autores também falam sobre a importância do assunto aplicado para pesquisas propostas fora das salas de aula, é preciso ter o cuidado para que sejam temas relacionados aos aplicados em aula, e os próprios alunos serem capazes de desenvolver e concluir o trabalho proposto para não tornar um transtorno ainda maior para os pais que se vêm obrigados a auxiliar seus filhos nas pesquisas.

(...) Evidentemente, a importância de uma excursão, posta nesses termos, pode causar espanto, tal é o grau de aceitação dessa atividade por teóricos da educação e professores. Mas, de qualquer forma, o assunto merece reflexão, quando se deseja uma atuação consistente da escola no que se refere ao seu papel formativo.

E nesse mesmo caso incluem-se as “pesquisas”, exceto as que sejam relevantes para o assunto estudado e feitas em sala de aula, com orientação sistemática do professor. Caso contrário, da forma com que comumente são

solicitadas, continuam sendo motivo de transtorno para os pais que se vêm impelidos a auxiliar os filhos na busca de fontes de consulta e, muitas vezes, até darem uma “mão” na redação final. (GORDO, Nívia; MANZANO, 1997, pag. 143).

Paulo Freire(2011) nos mostra em seu livro a importância que tem o professor em saber escutar, FREIRE destaca a democracia e a solidariedade, ensina-nos que impor a autoridade como se fossemos os portadores da verdade e falando com os outros de cima para baixo, nada nos ajuda perante os alunos, o discurso educativo em sala muitas vezes é necessário fazer-se transformar em uma conversa, uma discussão dando vez ao aluno e ao professor poderem falar deixar os alunos se arriscarem significa mostrar-lhes um mundo de possibilidades, permitir o erro ajuda-os a serem mais fortes e buscar as respostas corretas, sem traumas de humilhações ou ignorar suas opiniões, para a criança é de extrema importância suas atividades desenvolvidas, mesmo que estando erradas. È corrigindo que elas aprendem.

(...) Se na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitidas aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar impositivamente. Até quando, necessariamente, fala contraposições ou concepções do outro, fala com ele como sujeito da escuta de sua fala crítica e não como objetivo de seu discurso. O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele. (FREIRE, 2011, pag. 111).

Aprender a escutar e dar espaço para os alunos muitas vezes é essencial dentro da sala de aula, compreender suas necessidades passaram a ser de extrema importância no seu cotidiano, professores que sabem dos reais problemas de seus alunos podem procurar amenizar suas dificuldades e traumas relatados. O aluno com características violentas sempre terá um ponto fraco, é preciso paciência e sabedoria para de entender suas revoltas, o papel do professor é buscar entender e procurar métodos para que esse aluno se interesse pelas aulas aplicadas, não pode simplesmente deixar esse aluno sentado sem lhe dar atenção, criança precisa de carinho, precisa ser escutada, todos tem o direito de expressar suas ideias e frustrações, basta saber como amenizar essa ‘ira’ que trazem dentro de si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que os tempos mudaram alunos não aceitam mais sentar em suas carteiras e receber ordens de professores autoritários, muitas crianças infelizmente trazem de suas próprias casas a revólver, seus lares são contaminados com a violência, pais agressivos e desestruturados psicologicamente. Na escola, a convivência entre alunos e professores está em constante mutação, novos métodos e estratégias são sempre bem-vindas e interessantes, meios de prender a atenção do aluno e evitar o confronto de ideias, professores abertos a diálogos e sugestões conseguem deixar seu dia-dia mais prazeroso, tornam-se amigos de seus alunos, muitas crianças passam a ver suas escolas como um refúgio de sua realidade “sofrida”. Um professor fechado a métodos de ensino ultrapassados, que não aceitam opiniões ou conversar com seus alunos passaram a serem vistos como inimigos, não levam em consideração que são levados nas ideias e memórias de uma criança para a vida toda. Frustrações e acuações nas escolas pelos professores podem gerar efeitos inversos para a vida de uma pessoa.

Agressões físicas e verbais sempre estarão no meio da sociedade, seja dentro das escolas ou nas ruas, o papel do professor é mostrar para as crianças que o mundo pode ser feito de pessoas boas, por pessoas que sabem expressar suas opiniões, mas também ouvir e reconhecer quando está errado, entender que a criança pode estar passando por problemas emocionais dentro de casa também é de extrema valia e pode ajudar muito nessa convivência, se tornar amigo de seus alunos é a melhor maneira de ter uma sala harmônica e o êxito de concluir suas aulas com o propósito desejado.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVAY, Mirian; CUNHA, L Anna; CALAF, P Priscila; CARVALHO, F Luis; CASTRO, G Mary; FEFFERMANN, Marisa; NEIVA, R Roberto; MACIEL, Max; **In. Gangues, Gênero e Juventudes: Donas de Rocha e Sujeitos Cabulosos**; Ed. Kaco; Brasília 2010.

ABRAMOVAY, Mirian; **In. Violências nas escolas**; Ed. Rede Pitágoras; Brasília 2002.

ABRAMOVAY, Mirian; CUNHA, L Anna; CALAF, P. Priscila; **In. Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas**; Ed. Ritla; Brasília, 2009.

FREIRE, Paulo; **In. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa**. Ed. Paz e terra. São Paulo, 2011.

TAILLE, La de Yves; LAJONQUIÈRE, Leandro; GUIRADO, Marlene; GUIMARÃES, Àurea; REGO, R. C. Teresa; ARAUJO, F. Ulisses; PASSOS, F. Laurizete; CARVALHO, F. S. José; FRANÇA, M. A. Sonia; AQUINO, G. Julio. **In Indisciplina na escola: Alternativas Teóricas e Práticas**; Ed. Summus; São Paulo, 1996.

CARVALHO, F. S. José; TAILLE, La de Yves; OLIVEIRA, K. Marta; PINTO, S. D. Heloysa; MACHADO, M. Adriana; ANDRÉ, A.D.E. Marli; PASSOS, F. Laurizete; SOUZA, L.Z.M. Sandra; MANZANO, M.C. José; GORDO, Nívia; **In. Erro e Fracasso na Escola: Alternativas teóricas e Práticas.** Ed. Summus, São Paulo, 1997.